

Linhas vermelhas: marxismo e os dilemas da revolução (artigos e ensaios críticos)

AUGUSTO CÉSAR BUONICORE

São Paulo: Anita Garibaldi/Fundação Mauricio Grabois, 2016, 416p.

*Silvio Costa**

O livro publicado em 2016 é uma retomada atualizada da produção teórica de Augusto Buonicore, que expressa uma das correntes marxistas identificada com a militância político-partidária vinculada ao Partido Comunista do Brasil. Em princípio, alguns podem entendê-la como norteadora de tod@s aquel@s que estão comprometid@s com uma prática consciente e transformadora; outros a colocariam no rol das produções de divulgação teórico-partidária. Inclusive, entre estes, há aqueles que, em atitude equivocada, procuram desconhecê-la.

Mesmo decadente historicamente, o neoliberalismo procura se impor utilizando-se de invasões, guerras, golpes político-institucionais e mesmo militares. Insiste, contando não só com grande poder político-econômico-militar, mas também com seus intelectuais orgânicos e grande aparato midiático. Persiste na imposição de sua mística: deificação do individualismo e do mercado como a única alternativa possível. Porém, é inegável a decadência do projeto civilizatório burguês.

Nesse contexto, não tenho dúvidas de que – ao lado de amplo debate sobre as atuais experiências que vivemos na Venezuela, Bolívia, Espanha, Grécia e mesmo no Brasil – continuam atuais e imprescindíveis as elaborações teóricas que

* Mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor de Sociologia e Política na PUC/Goiás. E-mail: silvio.costa.puc.goias@gmail.com.

se propõem a defender e desenvolver a teoria de Marx. Acredito ser importante ressaltar aqui a necessidade de superação dos dogmatismos, dos sectarismos e arrogâncias, impeditivos ao aprofundamento dos debates fraternos e respeitosos.

Nesta coletânea, Buonicore se contrapõe à maré midiática que tenta desacreditar as ideias progressistas e seus instrumentos de ação transformadora ao abordar ampla temática que poderia ser aglutinada, grosso modo, em sete partes: 1) A filosofia da *Práxis*; 2) Interpretações sobre o processo de transformação histórica; 3) Intelectuais orgânicos e ideologia; 4) Mulheres e a luta de classes; 5) Democracia, liberalismo, fascismo e os atuais mitos na luta política; 6) Partido político como instrumento transformador; e 7) Atualidade da luta pelo socialismo. Evidentemente, esses temas podem instigar acesos debates entre os marxistas. Aqui, neste limitado espaço, como estímulo e provocação, destaco, de forma sintética, algumas ideias expostas pelo autor.

Na explanação sobre o desenvolvimento intelectual e teórico de Marx, no que foi caracterizado como *Jovem Marx* ou *Obras de juventude*, Buonicore o caracteriza em quatro períodos, nos quais é possível distinguir a alienação religiosa, a alienação política e, por fim, a alienação econômico-social. Marx instituiu, assim, uma hierarquia ao estabelecer, em primeiro plano, a alienação econômica, através do trabalho alienado, sobre as demais. A supressão da alienação produzida pelo trabalho assalariado é a condição para eliminação de todas as outras formas de alienação. Conclui Buonicore ser difícil conhecer plenamente o Marx “maduro” sem inseri-lo no processo contraditório de seu desenvolvimento intelectual. Assim, não podemos deixar de reconhecer que existem diferenças significativas entre os dois períodos de sua vida e produção teórica (p.19-40).

Ao abordar a Comuna de Paris de 1871 e dedicar-se à análise das interpretações sobre o processo de transformação histórica, destacando seu importante papel na história do movimento operário internacional, Buonicore aponta que Marx, ao final do seu magistral livro *Guerra civil na França*, afirma que a Paris revolucionária será lembrada e celebrada como expressão gloriosa da luta por uma nova sociedade. Os *comunnards* serão lembrados como mártires e guardados como preciosas relíquias no coração da classe operária. Seus algozes e exterminadores estão amarrados pela história ao pelourinho eterno e nem mesmo todas as orações dos seus padres conseguirão os resgatar e redimir. Marx, várias vezes, numa contradição aparente, expressou a opinião de que aquele levante poderia ter sido evitado. Para ele, mesmo assim, a Comuna continua sendo uma tentativa heroica dos operários de “tomar os céus de assalto” (p.109-123).

Quando trata de temáticas atuais – democracia, liberalismo, fascismo –, Buonicore trava polêmica com Norberto Bobbio, expoente do social-liberalismo italiano, que não reconhece que as relações entre democracia e liberalismo não são complementares, mas, sim, conflituosas e explosivas; que a versão moderna do liberalismo – o neoliberalismo – aproxima-se e “asfalta” o caminho para o fascismo, a exemplo do que ocorre no Brasil atual (p.177-209).

Ao desenvolver o tema gramsciano sobre os intelectuais orgânicos, contrapõe-se à falácia do fim das ideologias, chama a atenção para a vinculação dos intelectuais às classes sociais e sua importância na elaboração de projetos civilizatórios. Partindo dessa premissa, afirma o autor que, para o proletariado, torna-se importante a existência de seus intelectuais orgânicos, comprometidos e vinculados a seu projeto revolucionário de superação da sociedade de classes (p.295-307).

Tratando do importante e atual tema da emancipação feminina, o autor chama a atenção para o fato de que a incorporação dos direitos das mulheres constitui condição fundamental para a definição das democracias modernas, inclusive burguesas, pois, nos dias atuais, nenhum país que recuse os direitos políticos e sociais às mulheres poderia ser considerado democrático. Mas essa é uma situação relativamente nova – nascida no século XX – e conquistada depois de muitas lutas. A partir dessa afirmação, didaticamente, Buonicore expõe a origem da opressão das mulheres e suas lutas por direitos políticos e sociais (p.365-400).

Em antagonismo à onda midiática que ataca e tenta desacreditar os partidos políticos em geral, colocando todos na vala comum da corrupção, Buonicore destaca o papel diferenciado que têm os partidos comunistas. Seguindo Lenin, afirma que esses partidos deveriam ser instrumentos a serviço da revolução e não um fim em si mesmos. As formas organizativas devem estar indissolúvelmente ligadas ao processo revolucionário e se adaptar à revolução, e não o contrário. A conclusão óbvia é de que não existe um modelo único de partido revolucionário, mesmo leninista. Embora devam existir alguns elementos perenes: vínculos orgânicos com a luta dos trabalhadores, ser um espaço de militância organizada, seguindo o princípio do centralismo democrático. Este não deve ser visto de maneira estanque, mas dialética e tendo em conta as diversas conjunturas políticas marcadas pela existência de maiores ou menores liberdades democráticas. Conclui que, na atual fase da luta pelo socialismo, torna-se necessário repensar coletivamente a forma-partido e sua complexa relação com o movimento operário-popular. Nessa tarefa, o pensamento de Lenin deve ser levado em conta, pode ajudar, mas não nos apresenta fórmulas (p.277-285).

Buonicore, ao dedicar-se à atualidade da luta pelo socialismo, se refere a experiências anticapitalistas em curso em diversos países, aponta para a necessidade da formação de articulações pluralistas e amplas, aos níveis nacionais e internacional. Destaca, em especial, a importância da unidade e unificação dos comunistas com o objetivo de construir uma nova hegemonia no processo político, capaz de auxiliar mais rapidamente na transição ao socialismo (p.309-328).

Acredito não ser justo, nesta oportunidade, ao fazer referências à profícua produção de Buonicore, não citar seu livro anterior *Marxismo, história e Revolução Brasileira*, no qual aborda importantes temáticas relacionadas às interpretações sobre a realidade brasileira.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

As formas da mais-valia

Jorge Grespan

A formação da crítica de Marx à economia política

Marcello Musto

Que método Marx ocultou?

Helmut Reichelt

A origem da noção de ontologia de Lukács (final)

Nicolas Tertulian

Marini: dependência e intercâmbio desigual

João Machado Borges Neto

33